

Enzo Bianchi

# DOM E PERDÃO

POR UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Bianchi, Enzo  
Dom e perdão : por uma ética da compaixão / Enzo Bianchi ; tradução  
de Moisés Sbardelotto. – 1. ed. – São Paulo : Paulinas, 2023.  
96 p. (Coleção Mística)  
ISBN: 978-65-5808-156-2  
1. Perdão - Aspectos religiosos 2. Dons 3. Compaixão I. Título  
II. Sbardelotto, Moisés III. Série  
22-1498 CDD 234.5

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Perdão - Aspectos religiosos

1ª edição – 2023

Título original da obra:

*Dono e perdono: Per un'etica della compassione*

© 2014 Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino.

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Fabiola Medeiros*

Tradução: *Moisés Sbardelotto*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *depositphotos.com – @silvionka*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2023



# SUMÁRIO

A collection of white dandelion seeds with long stems, scattered across the top half of the page against a dark blue background.

## O DOM

Introdução.....	11
1. A arte de doar: dar e receber .....	15
2. Dom e proximidade .....	18
3. Dom e gratuidade .....	23
4. Dom e justiça .....	26
Conclusão.....	30

## O PERDÃO

Introdução.....	35
1. O perdão e o mal .....	39
2. O fatigante caminho do perdão .....	42
3. Como viver o perdão como cristãos .....	51
4. Perdão e justiça .....	55
Conclusão.....	61

## **A COMPAIXÃO**

Introdução.....	65
1. A compaixão de Deus no Antigo Testamento .....	71
2. A compaixão de Deus narrada por Jesus Cristo e própria do cristão .....	76
3. A compaixão, forma do encontro com o outro, humana resposta ao mal.....	84
Conclusão.....	91

## **PARA IR ALÉM**

○ dom.....	93
○ perdão.....	94
A compaixão .....	94





**O DOM**



# O DOM

“O dom não é suficiente  
se o doador também não estiver presente.”

*Martim Lutero*

## INTRODUÇÃO

O tema do dom é um dos mais presentes no grande canteiro de obras da pesquisa e da reflexão contemporâneas: as teorias sobre o “dom” certamente são muitas e também diferentes. Marcel Mauss, com seu *Essai sur le don*, foi decisivo na elaboração das teorias sobre o dom, mas, depois dele, muitos, sobretudo os filósofos franceses, sondaram e procuraram compreender, discernir e interpretar o *homo donator*, o ser humano capaz de doar, o ser humano que faz o dom: Georges Bataille, Émile Benveniste, Jacques Derrida até Jacques T. Godbout. É deste último, por exemplo, uma imagem muito sugestiva:

Existe uma espécie de lei social que faz com que aquilo que não circula, morra, como ocorre com o lago de Tiberíades ou o Mar Morto. Formados pelo mesmo rio, o Jordão, um é vivo; e o outro, morto, porque o primeiro dá água a outros rios, enquanto o segundo guarda toda ela para si.

Medita-se e pesquisa-se sobre o “dom”, mas também se fazem muitas perguntas sobre a presença do dom hoje: em uma sociedade dominada pelo mercado, marcada por um acentuado individualismo, com traços de narcisismo, egoísmo, *philautía* [do grego, amor-próprio ou confiança excessiva em si mesmo] e egolatria que a caracterizam, ainda há espaço para a arte de doar? Ainda é possível doar, fora do âmbito dos vínculos afetivos e do clima de festa? Mas há outra pergunta, a meu ver decisiva: na educação e na transmissão da sabedoria acumulada às novas gerações, há atenção ao dom e à ação de doar como ato autêntico de humanização? Há a consciência de que o dom é a possibilidade de desencadear as relações recíprocas entre humanos, seja qual for o resultado depois?

A partir de uma leitura sumária e superficial, pode-se concluir que hoje não há mais lugar para o dom, mas apenas para o mercado, para a troca utilitarista; podemos até dizer que o dom é apenas um modo de simular gratuidade e desinteresse lá onde, ao invés disso, reina a lei

da vantagem pessoal. Em uma época de abundância e de opulência, também é possível praticar o ato do dom para comprar o outro, para neutralizá-lo e tirar dele a sua plena liberdade. Pode-se até usar o dom – pensemos nas “intervenções humanitárias” – para mascarar o mal operante em uma realidade de guerra. Essa ambiguidade que pesa sobre a ação de doar e poder perverter o seu significado não é nova; já na antiguidade se dizia: *Timeo Danaos et dona ferentes*, “temo os gregos mesmo quando trazem dons” (Virgílio, *Eneida* II, 49). Mas há também uma forte banalização do dom, que é enfraquecido e distorcido mesmo quando chamado de “caridade”: hoje, com um SMS, “doa-se” uma migalha para aquelas pessoas que os meios de comunicação nos indicam como sujeitos – distantes! – pelos quais vale a pena sentir emoções.

Sobre os riscos e as possíveis perversões do dom, nós somos advertidos: o dom pode ser rejeitado com atitudes de violência ou na indiferença distraída; o dom pode ser recebido sem despertar gratidão; o dom pode ser desperdiçado: doar, de fato, é uma ação que requer que se assuma um risco. Mas o dom também pode ser pervertido, pode se tornar um instrumento de pressão que incide sobre o destinatário, pode se transformar em um instrumento de controle, pode acorrentar a liberdade do outro, ao invés de suscitá-la. Os cristãos sabem que, na história, até o dom

de Deus, a graça, pôde e pode ser apresentado como uma captura do ser humano, um novo Prometeu, uma ação de um Deus perverso, cruel, que incute medo e infunde sentimentos de culpa.

A nossa situação, portanto, é desesperadora hoje? Não! Doar, assim como amar e confiar, é uma arte que sempre foi difícil: o ser humano é capaz dela porque é capaz de relação com o outro, mas continua sendo verdade que esse “doar a si mesmo” – porque é disso que se trata, não apenas de dar aquilo que se tem, aquilo que se possui, mas também de dar aquilo que se é – requer uma convicção profunda em relação ao outro. Quem é o outro? Ou é o inferno – como escrevia Jean-Paul Sartre de modo afiado – ou é um dom que eu reconheço doando a mim mesmo ao outro! O que pode ser a sociedade, a *polis*? Uma *communitas*, uma ação de reunir os dons (*cum-munus*); ou o não reconhecimento, a rejeição do outro por meio de uma *immunitas*, um fechamento absoluto, como Roberto Esposito bem analisou em seus estudos. Doar ao outro, aos outros, não é apenas uma forma de reconhecimento comunitário e social, mas é também o modo necessário para entrar na aliança da *communitas*.

Na consciência dos homens e das mulheres, nas estruturas de humanização, não há apenas a paixão pelo lucro, mas também a busca do vínculo, da relação que sabe gerar

a generosidade, o amor, a aliança. Muitas vezes, o comportamento individual parece ditado apenas pela pulsão *philantropica*, egoísta, que busca unicamente o próprio interesse; porém, sempre se conhecerá o excedente do dom, porque o ser humano sempre é capaz de fazer o bem, percebendo a sua própria insuficiência e procurando o outro para uma plenitude de vida que ele não possui em si mesmo. Por isso, embora as dominantes culturais às vezes contradigam a lógica do doar, o evento do dom persiste.

## 1. A ARTE DE DOAR: DAR E RECEBER

Por definição, doar significa entregar um bem nas mãos de um outro sem receber qualquer coisa em troca. Bastam essas poucas palavras para distinguir o “doar” do “dar”: na ação de dar, há a venda, a troca, o empréstimo; na ação de doar, há um sujeito, o doador, que, na liberdade, não forçado e por generosidade, por amor, faz um dom ao outro, independentemente da resposta que dele receberá. Pode ser que o destinatário responda ao doador, e se desencadeie uma relação recíproca, mas também pode ser que o dom não seja acolhido ou não suscite nenhuma reação de gratidão. A lógica do dom, de fato, não é medida pela equivalência da troca, mas é a lógica de uma oferta unilateral e gratuita.

Doar, portanto, parece ser um movimento assimétrico, unilateral, que nasce da espontaneidade e da liberdade. Por quê? Muitas podem ser as tentativas de resposta, mas acredito que doar é possível porque o ser humano tem dentro de si a capacidade de realizar essa ação sem cálculos: é *capax boni* [capaz de fazer o bem], é *capax amoris* [capaz de amar], sabe se exceder no dar mais do que é obrigado a dar. É essa a grandeza da dignidade da pessoa humana: ela sabe dar a si mesma e sabe fazer isso na liberdade! É o *homo donator*. Certamente, há um risco a ser assumido no ato de doar, mas esse risco é absolutamente necessário para negar o ser humano autossuficiente, o ser humano autárquico. E, se o dom não receber retorno, em todo caso o doador fez um gesto subversivo: por meio da ação de doar, acendeu uma relação não gerada pela troca, pelo contrato, pelo utilitarismo. Iniciou um movimento *contro natura*, inseriu uma diástase nas relações, nos relacionamentos, até levantar a possibilidade da pergunta sobre a dívida “boa”, isto é, a “dívida do amor” que cada um tem em relação ao outro na *communitas*. De fato, está escrito: “Não fiquem devendo nada a ninguém, a não ser o amor recíproco” (Rm 13,8).

Porém, continua sendo verdade que o dom traz dentro de si, constitutivamente, algo de paradoxal, algo de híbrido – segundo Mauss – porque é forçoso e ao mesmo

tempo livre; útil e ao mesmo tempo gratuito. Em certo sentido, ele é forçoso, isto é, ditado por usos e costumes pertencentes à tradição ou à cultura: dão-se presentes no Natal, pelos aniversários, pelas bodas... Existem ocasiões codificadas que tornam o doar um ato “de dever”, sugerido por aquilo que todos reputam como uma coisa boa. Mas esse “dever” não pode ser uma obrigação, uma obediência a uma lei que é honrada sem convicção e sem desejo. E eis que emerge assim a paradoxalidade do dom, um ato de liberdade que deixa o destinatário livre para retribuir o dom. Nunca se afirmará o suficiente: só na liberdade é que o dom é verdadeiramente tal, porque, se houver alguma constrição, de qualquer tipo, o dom está ao menos viciado e destinado à dissolução. *Não a necessidade, mas sim a liberdade*, e aqui, na verdade, estamos considerando não apenas as condições necessárias para a ação de doar, mas também as condições necessárias para a *humanitas*.

Ora, é precisamente a partir dessa condição de liberdade que podem aparecer a utilidade e a gratuidade do dom. Em que sentido o dom pode ser útil, sem, por isso, inscrever-se na lógica do interesse egoísta, do dar para receber a retribuição? Há utilidade em doar, porque doar tem sentido e produz sentido. Doando, nós respondemos a uma necessidade que está na nossa interioridade, porque, por não sermos autossuficientes,

solitários, “mônadas”, sentimos o desejo do outro. Precisamos do outro para fazer dons, dar a nós mesmos e aquilo que temos, sem nunca o instrumentalizar.

O outro, verdadeiro grande mistério diante de cada um de nós, o outro que desejamos, o outro que invocamos, o outro com quem não estamos mais sozinhos desperta em nós o desejo do dom e nos pede a maravilhosa troca do dar e do receber, para estarmos bem juntos. O bem que nos habita é efusivo, extático e se manifesta como querer bem, como querer o bem um do outro. Aqui está o amor: não o cálculo egoísta, não o utilitarismo do *do ut mihi des*, “eu dou para que tu me dê”, mas sim a gratuidade, que desencadeia em quem recebe o dom da lógica do *do ut aliis des*, “eu dou para que tu dê a outros”. Sob essas condições paradoxais, o evento do dom tem a força de um milagre: faz acontecer o inaudito, cria novas situações, gera outras lógicas de comportamento.

## 2. DOM E PROXIMIDADE

A primeira possibilidade do dom ocorre por meio da palavra: palavra doada, dada ao outro! Hoje talvez estejamos menos conscientes do que significa “dar a palavra, doar a palavra”, mas o dom da palavra é o selo sobre a confiança, sobre o fato de crer nos outros. Sem fé nos outros, não há

caminho de humanização, mas a eloquência da confiança é precisamente doar a palavra, que é promessa e assunção de responsabilidade em relação ao outro. Nas mais cotidianas e autênticas “histórias de amor”, precisamente para que o encontro se torne história, para que o instante se torne tempo, é preciso a palavra dada, a promessa.

A partir do dom da palavra, deve-se depois tender, por meio de uma série de atos de dom, ao dom da vida. Esse dom extremo é possível onde um homem ou uma mulher tem razões pelas quais vale a pena dar a vida, gastar a vida, dedicar toda uma vida a... São as mesmas razões pelas quais eles vivem, pelas quais a sua vida encontra sentido. Dar a própria vida, porém, é a operação mais difícil, que fere as nossas fibras e o nosso senso de autoconservação. Nós somos habitados pela pulsão biológica de viver, a todo custo, mesmo sem os outros e talvez até contra os outros. Mas eis a possibilidade de dar a nós mesmos, a nossa vida pelos outros. Não há via intermediária.

A nossa tentação é a de dar outras coisas alheias a nós, antes que nós mesmos: é a lógica dos sacrifícios oferecidos a Deus. Mas isso não é um dom. E é significativo que no cristianismo a única oferta possível é a de si mesmo, do próprio corpo, da própria vida pelos outros, como bem entendeu o apóstolo Paulo: “Ofereçam os seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto de

vocês segundo a Palavra (*loghikè latreía*)” (Rm 12,1). Trata-se de não sacrificar nem os outros nem alguma coisa, mas de se dedicar, de se pôr a serviço dos outros, afirmando a liberdade, a justiça, a vida plena. Mas o que significa doar a si mesmo? Significa dar a própria presença e o próprio tempo, empenhando-os a serviço do outro, seja quem for, simplesmente porque é um homem, uma mulher como eu, um irmão, uma irmã em humanidade. Dar a própria presença: rosto a rosto, “olho no olho” (Is 52,8), mão na mão, em uma proximidade em que a linguagem narra o dom ao outro.

As necessidades humanas são tantas, e as situações de sofrimento, fadiga e dor são infinitas, mas a necessidade das necessidades é ter alguém por perto que faça o dom da sua presença, até o limite, mesmo sem uma palavra, simplesmente com o seu rosto e o seu olhar. Sim, às vezes, ao fazer o dom, nós não sabemos o que dizer, as palavras nos faltam, mas estar perto, fazer-se próximo (cf. Lc 10,36) e dar o tempo que inexoravelmente passa, é fazer o dom mais necessário ao destinatário.

Gostaria de dizer que o dom feito ao outro – palavra, gesto, dedicação, cuidado, presença – só é possível quando se decide pela proximidade, por se fazer próximo ao outro, por se envolver na sua vida, por querer assumir uma relação com o outro, até se tornar responsável pelo outro.

Então, aquilo que talvez fosse impossível ou mesmo difícil, fatigante, torna-se quase natural, porque há em nós, no fundo do nosso ser, a capacidade do bem: esta é despertada de novo, senão até gerada, precisamente pela proximidade, quando cessa a abstração, a distância, e nasce a relação. Somente se houver essa proximidade é que o dom não é esmola, não é o ato de jogar dinheiro ao mendigo sem conhecê-lo e sem olhá-lo no rosto, embora passando perto dele; somente se houver esse êxtase de amor que quer o bem do outro é que o dom se torna um verdadeiro ato de amor gratuito.

Além disso, não nos esqueçamos de que, para nos fazermos próximos de alguém, é preciso alimentar sentimentos de confiança: confiança no outro, porque vale a pena encontrá-lo, escutá-lo, fazer-lhe um dom. Aqui nasce a responsabilidade do outro, e o gesto que realizamos adquire significado para nós mesmos e para o destinatário, que sentirá pelo menos que há alguém que se sente responsável diante dele.

Há uma palavra de Jesus – não relatada nos Evangelhos, mas lembrada pelo apóstolo Paulo no seu discurso a Mileto, referido nos *Atos dos Apóstolos* – que é muito eloquente: “Há mais alegria em dar do que em receber!” (At 20,35). Experiência real de quem sabe se fazer próximo, aproximando-se do outro, porque o outro, mesmo quando tem

o rosto do leproso, quando visto face a face, pede às nossas entranhas que sofram junto, pede a compaixão, o dom da presença e do tempo, o dom de nós mesmos! O ato de doar provoca alegria ao doador, porque é um ato concreto que liga o doador ao cosmos, ao outro: é um ato percebido como esperança de comunhão. A acumulação que não conhece a lógica do dom, em vez disso, aumenta sempre a dependência das coisas e separa o ser humano de outro ser humano, o ser humano dos outros. Não há verdadeira alegria sem os outros, assim como é verdade que não há esperança senão esperando juntos! Mas a esperança é fruto da ação de doar, da partilha, da solidariedade.

Nesse doar e receber, precisamente porque a ação de doar vai além da justiça que se alimenta das regras da igualdade, abre-se espaço para o amor que é inspirado pela superabundância – como dizia Paul Ricœur –, isto é, aparece a “boa dívida do amor”. A ação de dar a palavra, de doar as coisas expropriando-as de si mesmo, de dar a presença e o tempo não pede restituição, mas requer que a iniciativa do dom seja prosseguida, continuada, em uma lógica transitiva. A ação de doar não pode ser submetida à esperança da restituição, de uma obrigação que dela nasce, mas é um chamado, desperta uma responsabilidade, inspira o vínculo social. A dívida do amor rege a lógica doadora à qual é peculiar o caráter da gratuidade, a ausência da

reciprocidade. Como é verdadeira a palavra de Jesus sobre a arte do dom: “Que a tua esquerda não saiba o que faz a tua direita” (Mt 6,3)! Cada vida humana é instituída pela dívida do amor, graças à qual o outro é aquele por quem somos responsáveis, uma pessoa que, uma vez encontrada, tem o direito de ser destinatária do amor em virtude da proximidade que se criou.

### 3. DOM E GRATUIDADE

Dizer dom significa – já especificamos isto – dar gratuitamente: sem troca, sem contradom, sem criação de dívida, sem reciprocidade. Sim, não há dom sem gratuidade. Gostaria, então, simplesmente de lembrar que a essência do cristianismo está no anúncio não só do amor que vence a morte, mas também de um amor gratuito, chamado de “graça” na milenar tradição cristã. A graça – *chen* em hebraico, *cháris* em grego, *gratia* em latim – é favor, benevolência, amor que não deve ser merecido: é amor preveniente, gratuitamente derramado por Deus sobre as pessoas e impensável como evento humano. Pois, quando se faz evento, ele faz com que “onde abundou o pecado, superabunde a graça” (Rm 5,20), o amor gratuito, livre, incondicional, fiel pela eternidade. Isto é boa notícia, Evangelho: o amor de Deus não deve ser merecido,

nos precede, nos alcança antes que nós possamos fazer algo para merecê-lo! Deus nos ama até mesmo *enquanto* somos pecadores, simultaneamente ao fato de sermos seus inimigos, seus negadores (cf. Rm 5,6-10).

O amor de Deus por toda a humanidade (cf. Jo 3,16: “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho unigênito”) é amor que não pode ser pago de volta. Como recita uma antiga anáfora que, em um único verso, nos dá todo o movimento originado pela gratuidade: “Damos-te graças, Senhor, nós, teus servos pecadores, aos quais concedeste a tua graça que não pode ser paga” (*Anáfora de Addai e Mari*). O ser humano agradece, acolhe a graça e a reconhece, mas essa gratidão não precede nem determina o dom de Deus, que é gratuito, justamente, motivado apenas pelo seu amor por nós, seres humanos.

Esse anúncio deve ser afirmado assim, na sua natureza surpreendente: Deus nos ama por primeiro, nos ama gratuitamente, nos faz o dom de tudo o que ele tem e é, não para que o amemos de volta, mas para que nos amemos entre nós, para que eu ame os outros com o mesmo amor gratuito. Há outra palavra de Jesus que eu gostaria de lembrar a esse propósito: “Como o Pai me amou, assim eu amei vocês [...] Como eu amei vocês, assim vocês devem amar uns aos outros” (Jo 15,9-12). Nada de reciprocidade, nada de simetria: eu dou a você não para que retribua a mim,

mas para que doe aos outros! É uma dinâmica sem retorno, com um recomeçar contínuo do amor gratuito: “Receberam gratuitamente, deem gratuitamente!” (Mt 10,8).

Certamente, para entrar na lógica do dom e da gratuidade, é preciso aprender a receber, a acolher o dom: se não houvesse a capacidade de receber, não haveria sequer gratidão, não haveria capacidade de reconhecimento do outro, graças ao qual eu me humanizo. Eu devo aquilo que sou aos outros: esse reconhecimento é a gratidão, condição na qual se aprende a amar lutando contra todos os impulsos destrutivos do medo, do ciúme, do narcisismo, da vantagem pessoal. Eu sei bem que, infelizmente, o cristianismo também se tornou, e muitas vezes ainda é proposto, como uma religião em que se cumprem ações, em que se dá em troca de um mérito, de um prêmio, de uma remuneração. Mas isso é a perversão do “bom anúncio”, do “Evangelho”. A salvação ou é gratuita ou não é salvação cristã, ou, melhor, não é mais salvação! *Qui salvandos salvat gratis*, como se canta no *Requiem!*

Para entrar na “dança do dom”, portanto, é preciso não a resposta da retribuição quando se recebe, mas doar por sua vez. Assim, a gratuidade não é rompida, mas é potencializada, porque o doador, ao fazer o gesto de dar, deve-se abrir à confiança, aceitar a incerteza sobre a acolhida do dom, sem pensar na sua própria vantagem. Se, depois, a

graça for causa de gratidão, de dar graças, isso, por sua vez, é estupor, maravilha, verdadeiramente “graça”.

Não só o dom é gratuito, mas também o doador é presença operante gratuita, e essa sua gratuidade está correlacionada com a liberdade do destinatário do dom. Não só o dom de Deus é graça, mas Deus mesmo também é gratuito, não necessário para o ser humano, que pode entrar em relação com ele no espaço da liberdade, não determinado por nenhuma necessidade de ter que estar diante de Deus. O Deus cristão não é o do teísmo, necessário fiador da ordem cosmológica, moral e política, mas é um Deus que, por amor e na liberdade, oferece a sua aliança ao ser humano, que só pode responder na liberdade e no amor. Essa gratuidade de Deus incita as pessoas a viverem a sua existência como irmãos e irmãs, reconhecendo-se reciprocamente como nada mais do que seres humanos, mas capazes de relação e de amor. A imagem de Deus no ser humano (cf. Gn 1,26-27), de fato, não desaparece nunca, nem mesmo quando ele não reconhece Deus, não discerne os seus dons e a Deus não responde.

#### 4. DOM E JUSTIÇA

Façamo-nos mais uma pergunta, sobre um tema até agora abordado apenas marginalmente: o dom pode encontrar

um lugar na economia do mercado global? O dom consegue ser eloquente aos cidadãos, hoje todos prostrados diante do ídolo do livre mercado, ou está circunscrito à esfera privada e só pode ser praticado pelo indivíduo como gratuidade, generosidade pessoal? Como observa Roberto Mancini de forma perspicaz, vivemos em uma sociedade que acredita ser um mercado, somente um mercado, no qual não há lugar para a arte de doar, porque reina o primado absoluto da liberdade da troca. A confiança vai toda para o mercado, e diante de situações de injustiça e de grave desigualdade recorre-se à filantropia, às ações que tendem a uma justiça distributiva. Por que, ao invés disso, não depositar a confiança na ação de doar? Vimos que o dom possui uma eficácia profética, sendo capaz de desencadear uma dinâmica na qual a ação de doar pode causar no outro a capacidade de dar, por sua vez, aos outros.

O dom deve encontrar um lugar e uma prática também na economia e na política, mas contanto que se reconheça como fundamento da sociedade a fraternidade, que sempre tem o bem comum como objetivo e ao qual tende para ser realizada. Não concordo com Jeremy Bentham, segundo o qual

[...] a comunidade [humana] é um corpo fictício, composto pelas pessoas individuais consideradas como seus membros,

e o interesse da comunidade é a soma dos interesses dos vários membros que a compõem.

A sociedade, ao invés disso, deve ser considerada como *communitas* de irmãos e irmãs, iguais na dignidade e diferentes entre si, e o bem comum deve ser buscado como o bem de estar “juntos”, condição essencial para uma verdadeira *humanitas*, para um caminho de humanização cada vez mais avançada.

Só assim a lógica de mercado entra de novo em seus limites, não invade toda a vida dos homens e mulheres, mas permanece no seu âmbito específico, dando lugar ao primado das pessoas e das suas relações constantemente tornadas fecundas pelas ações de doar e de receber. Se, ao contrário, a lógica de mercado é deixada à sua dinâmica própria, sem contenções, então acabará determinando também as relações humanas, e as próprias pessoas acabarão sendo “coisificadas”, pensadas como objetos (já não se fala comumente, talvez, de pessoas como recursos, exce-dências, inativos?). Sob essa ótica, a justiça é vista apenas como observância das regras do mercado e, entre as pessoas, simplesmente como comutativa. Que tecido social, que convivência pode ser gerada por tal visão?

Precisamente a cultura do dom, ao invés disso, pode dar origem não a simples corretivos do sistema de mercado

global, mas a uma força subversiva, por estar posta a serviço do reconhecimento da pessoa por meio de uma relação marcada pela gratuidade. Na ação de doar, há o reconhecimento da singularidade do outro, da sua dignidade, de se colocar “em relação” com o outro, em certa medida de celebrá-lo, sem medir o quanto ele merece isso. É por isso que não pode haver justiça sem dom: não é suficiente uma justiça que retribui a cada um de acordo com o mérito, uma justiça que distribui de acordo com a equidade, mas é necessário que também na economia e na política possa emergir a gratuidade de doar.

Esse talvez seja um caminho novo e fatigante a se explorar e percorrer, mas a justiça não pode ser apenas um ministério das instituições sociais: ela precisa de uma participação de todos os cidadãos, para se chegar a uma política que também conheça a arte do dom, em nível mundial, nas relações entre povos e gentes.

O bem comum ou é sentido, pensado e buscado como um bem de toda a humanidade – ou, melhor, eu diria, de toda a terra, do nosso planeta, da nossa matriz – ou não é um bem comum, mas um bem de alguns povos, de algumas terras, que não reconhecem nem sentem um vínculo de *communitas* com outros. Para esse propósito, é necessária uma verdadeira mudança de cultura: da beneficência e da própria solidariedade à prática de ações gratuitas e

generosas que não obedecem à lei do interesse pessoal e à lógica da troca interessada, mas atestem a liberdade de cada doador, a dignidade de cada destinatário do dom, a fraternidade responsável que é gerada pela proximidade com os outros, pelo encontro do próprio rosto com o rosto do outro.

Acima de tudo, os cristãos devem fazer uma conversão da sua *diakonía*, bem atestada na história: da esmola e da beneficência à gratuidade do dom na proximidade, onde quer que seja possível que, no dom, haja efetivamente a presença do doador. De fato, como escrevia Lutero, *non satis est habere donum nisi sit et donator praesens*, “o dom não é suficiente se o doador também não está presente”. No doar autêntico, imanente à justiça, não há então *scambio* [troca], mas “cambio” [mudança], mudança sim! Porque, como a história de Jesus de Nazaré ensinou, o dom precede a conversão e, portanto, pode mudar quem o recebe. Uma sociedade só poderá entrar na “dança do dom” se estiver disposta a mudar e a aprender a sua arte, a arte do dom.

## CONCLUSÃO

“O que é que você tem que não tenha recebido?” (1Cor 4,7). Essas palavras do apóstolo Paulo, repetidas de outro modo em vários textos bíblicos, declaram a condição de

destinatário de dons que é própria de cada um de nós: do dom da vida, que não fomos nós, mas sim outros que decidiram, ao dom da palavra, à qual outros nos iniciaram, ao dom da presença, que outros doaram a nós quando viemos ao mundo, ao dom da confiança que muitos de nossos companheiros de vida não nos deixaram faltar. E, além disso, os objetos, os bens, a terra e os seus frutos: tudo recebemos. Se estamos conscientes dessa nossa condição, não é difícil entrar na “dança do dom” e nos tornarmos doadores, para que o dom passe de mão em mão e crie aquela *communitas* que torna possível a humanização.

Ao término desta reflexão, há uma parábola de Jesus que eu gostaria de narrar, dando espaço, além disso, ao não dito. Um homem que estava indo embora para uma viagem deixou os seus próprios bens aos seus servos. A um, deu cinco talentos; a outro, dois; a outro, um; a cada um segundo as suas capacidades. E partiu. Aquele que havia recebido cinco talentos os empregou e ganhou outros cinco; também aquele que havia recebido dois ganhou outros dois. Aquele que havia recebido apenas um talento foi cavar um buraco e escondeu o talento lá. Fez isso porque pensava que o senhor era severo e intransigente na justiça e, portanto, não admitiria possíveis fracassos (cf. Mt 25,14-30).

Havia ainda – acrescento eu – mais outro servo, que também recebeu dois talentos, empregou-os e ganhou

outros dois talentos, mas depois perdeu tudo em um naufrágio e se apresentou ao senhor de mãos vazias. No entanto, a reprovação do senhor foi apenas ao servo que havia enterrado o talento, porque o senhor não queria um lucro, mas queria que o seu dom fosse multiplicado por quem o havia recebido, para a alegria de todos. Quem havia entendido que o Doador era bom fez frutificar o dom recebido; quem, ao invés disso, pensava que ele não era bom, mas apenas justo, enterrou aquilo que havia recebido, mortificou-o, tornou-o um dom estéril! Só o amor é difusivo! Em qual desses servos nós nos reconhecemos?